

Adolescentes pobres da periferia de São Bernardo passam uma tarde de sol, romance e poesia com o sevilhano que governou a Espanha por 14 anos e que lhes confessa que ainda tem muitos sonhos para realizar. Por Cynthia Malta

# Felipe González fala de suas ilhas

Um grupo de 25 adolescentes se reúne em torno de Felipe González, o sevilhano que foi primeiro-ministro da Espanha antes dos 40 anos e que a governou durante 14, até 1996. É uma tarde ensolarada de sábado em São Paulo. Estão lá para conversar sobre o "Conto da Ilha Desconhecida", do escritor português José Saramago. O encontro é incomum, mas não constringe os jovens de 12 a 19 anos — uma pequena amostra dos cerca de 1,4 mil alunos de 21 escolas públicas estaduais da periferia de São Bernardo, Diadema e São Paulo, que participam dos círculos de leitura do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.

Saramago conta a estória do homem que decide pedir um barco ao rei para ir em busca da ilha desconhecida. Na empreitada, tem a ajuda da mulher da limpeza, que abandona o emprego no castelo do rei e o acompanha na busca do seu sonho.

González diz ao grupo que o que mais lhe impressionou no livro foi a tenacidade com que o homem tenta conseguir o barco junto ao rei, bloqueando a fila de pedintes na porta do castelo até que o monarca lhe atenda. "Também foi importante (para o homem) ter o conhecimento, saber como funciona a burocracia do castelo", diz o ex-premiê, que admira, igualmente, talvez um pouquinho mais, a mulher da limpeza.

A mulher, diz, não deve ser entendida como uma coadjuvante, nem na história, nem na vida. "Minha experiência, na vida e no governo, é que as mulheres são sempre mais práticas para decidir. As mulheres se olham menos no espelho do que os homens para agir".

Ele e o grupo concordam que, assim como Santiago, em "O Velho e o Mar", de Ernst Hemingway, e Ulisses, na "Odisséia", de Homero — dois livros que os jovens já leram —, o homem busca a ilha para conhecer a si mesmo.

Ericson Mendes César, um dos adolescentes, olha o ex-premiê e pergunta: "O senhor já encontrou a sua ilha? González parece surpreendido, levanta as mãos, segura a cabeça e sorri: "Não, não, não". Explica que seu sonho, no governo, era fazer com que os espanhóis, "depois de dois séculos de brigas, reencontrassem a sua identidade". Essa "ilha política", para ele, foi em grande parte conquistada.

Mas isso não significa que esteja satisfeito. "A política é uma obra que nunca acaba". A angústia é natural ao homem, que sente necessidade de começar e terminar coisas. "Por isso cultivo árvores e trabalho com pedras", diz, pedindo à filha Maria que mostre o colar de pedras de âmbar ligadas, por um fio de couro, a um círculo de prata.

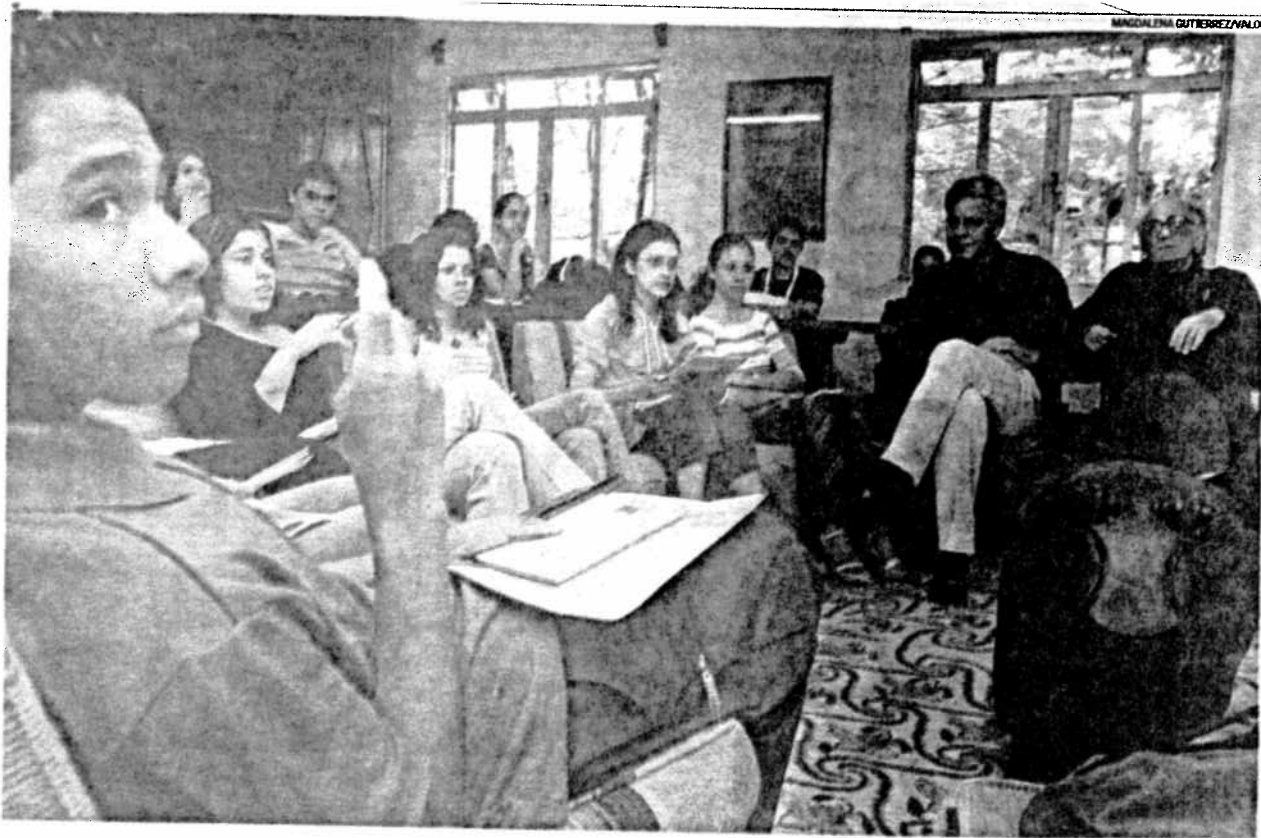
Sua "ilha particular" é "sentir-me livre, ter autonomia para decidir minha própria vida e isto o dinheiro não me dá, nem o poder". A observação provoca uma discussão na sala, ocupada por meninos e meninas de baixa renda.

Vários, ao mesmo tempo, observam que dinheiro é importante e ajuda a tornar uma pessoa livre e autônoma. "Quem sente fome, só se lembra de comer mesmo. Não há tempo para mais nada", diz Aline Verneck, de 15 anos.

González volta ao tema. Lembra-se de viagens que fez à África Subsahariana. "Vou lhes contar um segredo. Quando dizem que a pobreza extrema produz revolução, é mentira. A pobreza extrema só exige sobreviver a cada dia". Para que o entendam bem, faz questão de dizer que não exclui a importância do "dinheiro e da luta diária". Fala de um encontro que teve com Madre Teresa de Calcutá; antes, esclarece que foi educado por padres, "mas me falta a fé. Sou deficiente".

A madre contou que um jornalista americano, que a havia acompanhado por um dia inteiro, vendo como cuidava dos doentes e miseráveis, disse que não faria aquele trabalho "nem por US\$ 2 milhões por dia". Ela concordou: "Nisso, você e eu estamos de acordo. Eu também não faria".

Reni Adriano Batista, que integrou o cír-



Ex-premiê espanhol debate "O Conto de Ilha Desconhecida" de Saramago, com estudantes que participam dos círculos de leitura criados pelo Instituto Fernand Braudel

culo e hoje ajuda a orientar a leitura dos adolescentes, pede a palavra e lembra de sua vida de privações e da angústia que sentia quando pensava no futuro. "Naquela época eu pensei: enquanto não chegar a distribuição de renda no Brasil, a vida tem que valer a pena". O testemunho renova o ânimo na sala.

Norman Gall, diretor executivo do Instituto Fernand Braudel, pergunta qual é o futuro dos círculos de leitura. Um garoto levanta a mão. "Deveríamos ter uma lei obrigando todas as escolas a terem círculos de leitura". González levanta as duas mãos. "Não, não. Nada deve ser obrigatório. Na Espanha havia uma lei que obrigava a leitura

de "Dom Quixote", de Cervantes, nas escolas. E, porque era obrigatório, ninguém lia".

Outro jovem quer saber "o que é preciso para fazer um país mudar?". González observa que "cada país tem uma personalidade diferente, mas que nunca vai aflorar se não houver uma liderança que encarne as aspirações desse país e que as ponha em marcha". Tal processo, continua, "deve ser feito através da política, através de um projeto nacional".

Lembra-se de sua experiência no governo. "Depois de 14 anos, até eu já estava farto de mim mesmo", diz, rindo. Lembra como as pessoas o tratavam, nas ruas ou no Parlamento. "Nunca ninguém me chamava de

presidente. Era sempre 'Felipe', com respeito, mesmo quando discordavam de mim".

O encontro está perto do fim. Catalina Pagés Lamas, filósofa e fundadora dos círculos de leitura, avisa que a tradição manda encerrar as discussões com poesias e pede a González que declame uma. Ele escolhe um pequeno trecho do Cântico, do poeta espanhol do século 16 San Juan de la Cruz: "Pastores, los que fuerdes, allá por las majadas al otero, si por ventura vierdes aquél que yo más quiero, dezilde que adolezco, peno y muero" (Numa tradução livre: Pastores, os que forem, lá pelos currais até o monte, se por ventura virem aquele a quem mais quero, digam-lhe que adoeço, peno e morro). ■

## Círculos de leitura atraem hoje 1,4 mil jovens

De São Paulo

O Projeto Círculos de Leitura do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial começou há quatro anos na Escola Municipal de Conforja, na periferia pobre e violenta de Diadema (SP). O grupo inicial de 20 alunos cresceu para os 1,4 mil jovens entre 12 e 19 anos, distribuídos em 21 escolas públicas estaduais em São

Bernardo do Campo, São Caetano e São Paulo, neste ano.

Em 2004 o projeto, que consumiu um orçamento de R\$ 300 mil e contou com o apoio do Instituto Unibanco, da Fundação GE e da Basf, também abriu cinco bibliotecas escolares, onde trabalham 48 alunos voluntários. Além de continuar com o objetivo inicial de ler e debater clássicos da literatura, o projeto vai investir na orientação vocacional dos jovens.

"Temos a preocupação de ensinar a pen-

sar, a se comunicar. Mas também queremos orientar o jovem para o mercado de trabalho", diz a coordenadora do projeto, Patrícia Matos Guedes. Na organização das bibliotecas, por exemplo, vários alunos mostraram vocação para as carreiras de biblioteconomia e gestão administrativa.

Agora Patrícia está selecionando um grupo de 70 alunos "mais curiosos" para um programa de leitura mais avançada. Ela pensa em começar com Platão. (C.M.) ■